

Práticas do professor de apoio frente ao processo de alfabetização dos alunos com TEA

SANTOS, Mariana dos – maryannadossanttos092@gmail.com

TOLEDO, Gilson Soares – gilson.soares.toledo@gmail.com

Curso de Pedagogia
Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ubá
Ubá-MG/julho/2023

Resumo

Este artigo apresentou como tema práticas do professor de apoio frente ao processo de alfabetização dos alunos com TEA. O autismo nas escolas é um assunto que tem sido abordado com frequência, uma vez que o número de crianças com diagnóstico de TEA (Transtorno do Espectro Autista), em sala de aula do Ensino Regular, tem aumentado gradativamente. Esta questão tem impactado no trabalho do professor de apoio, sendo desafiador, ao mesmo tempo, fundamental no processo de alfabetização, visto que, cada criança apresenta uma necessidade específica. Diante do exposto, coube investigar: quais são as práticas do professor de apoio, frente ao processo de alfabetização dos alunos com TEA? Acreditava-se que o professor nem sempre aplica estas metodologias de acordo com as reais necessidades dos estudantes com TEA, apesar de conhecer a legislação e os procedimentos metodológicos necessários, para que o processo de alfabetização de crianças autistas aconteça a partir de metodologias variadas. Para tanto, este estudo teve como objetivos: analisar as práticas do professor de apoio frente ao processo de alfabetização dos alunos com TEA; verificar metodologias que são utilizadas na alfabetização de crianças autistas; investigar como as metodologias são aplicadas em sala de aula e compreender a elaboração e adaptação das atividades na alfabetização. Para atingir esses objetivos, utilizou-se como instrumento de pesquisa o questionário estruturado com vinte e seis questões, sendo dezesseis objetivas e dez subjetivas, elaboradas no *Google Forms* e enviado por *WhatsApp*. A amostra foi composta por nove professoras de apoio da Rede Municipal de Ensino da cidade de Ubá e Senador Firmino-MG, que atuam nos 1º e 2º anos do Ensino Fundamental. A análise dos dados foi baseada no referencial teórico de (FRANÇA; BARBOSA 2020; CUNHA 2020; ONOHARA; CRUZ; MARIANO 2018; DIAS; HENRIQUE 2018 e SILVA *et al.* 2021), que versam sobre o tema. Os resultados indicaram que, na alfabetização de crianças autistas, são utilizadas metodologias diversificadas, com foco nas necessidades apresentadas. Portanto, a presença do professor de apoio, nesse processo, além de ser fundamental o seu papel, adapta as atividades e o processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Crianças. Metodologias. Alfabetização. Alunos com TEA. Professor de Apoio.

Abstract

This study presented a theme of practices of the support teacher facing the literacy process of students with ASD. Autism in schools is a subject that has been frequently addressed since the number of children diagnosed with ASD (Autistic Spectrum Disorder) in regular education classrooms has gradually increased. This issue has impacted the work of the support teacher, being challenging and, at the same time, fundamental in the literacy process, since each child has a specific need. Thus, we investigated: what are the practices of the support teacher, facing the literacy process of students with ASD? The teacher was believed to not apply, frequently, these methodologies according to the real needs of students with ASD, despite knowing the legislation and the necessary methodological procedures, so the literacy process of autistic children happens from different methodologies. This study had as objectives: analyze the practices of the support teacher regarding the literacy process of students with ASD; verify methodologies that are used in the literacy of autistic children; investigate how the methodologies are applied in the classroom and understand the elaboration and adaptation of literacy activities. To achieve these objectives, the research instrument was a structured questionnaire with twenty-six questions, sixteen objective and ten subjective, prepared in *Google Forms* and sent by *WhatsApp*. The sample consisted of nine support teachers from the Municipal Education Network of Ubá and Senador Firmino-MG, who work in the 1st and 2nd years of Elementary School. Data analysis was based on the theoretical framework of (FRANÇA; BARBOSA 2020; CUNHA 2020; ONOHARA; CRUZ; MARIANO 2018; DIAS; HENRIQUE 2018 and SILVA *et al.* 2021), which deal with the subject. The results indicated that, in the literacy of autistic children, diversified methodologies are

used, focusing on the presented needs. Therefore, the presence of the support teacher in this process, in addition to its fundamental role, adapts the activities and the learning process.

Keywords: Children. Methodologies. Literacy. Students with ASD. Support Teacher.

Introdução

Esta pesquisa apresentou como tema Práticas do professor de apoio frente ao processo de alfabetização dos alunos com TEA, o que motivou a seguinte questão: quais são práticas do professor de apoio frente ao processo de alfabetização dos alunos com TEA? Para responder a esta questão teve como objetivos: analisar as práticas do professor de apoio, frente ao processo de alfabetização dos alunos com TEA; verificar as metodologias utilizadas na alfabetização de crianças autistas; investigar como as metodologias são aplicadas em sala de aula e compreender a elaboração e adaptação das atividades na alfabetização.

O autismo tem sido tema de muitas pesquisas tanto nos estudos voltados para a educação, quanto da psicologia, psicopedagogia e, sobretudo, na medicina. Desta forma, tem obtido notoriedade e visibilidade, no contexto atual, com o crescimento de diagnósticos de crianças autistas nas escolas. Vale ressaltar que o diagnóstico é clínico e de acordo com Cunha (2020, p. 23) “o transtorno do espectro autista compreende um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimentos na comunicação; dificuldades na interação social e atividades restritivas e repetitivas (uma forma rígida de pensar e estereotípias)”, assim cada criança pode apresentar características específicas, independente do nível de classificação.

Diante do exposto, esse estudo justificou-se devido à importância de compreender as metodologias utilizadas para alfabetização de crianças autistas, assim como identificar como estas são aplicadas em sala de aula, uma vez que tem aumentado o número de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Estas crianças têm como direito estar dentro de uma escola de Ensino Regular e, sobretudo, serem atendidas em suas demandas particulares.

Corroborando com essa afirmação, Montenegro (2018, p. 91) afirma que “um dos maiores desafios no tratamento de crianças com transtorno do espectro autista (TEA) é a inclusão escolar”, todavia esse processo de inclusão depende, efetivamente, do trabalho do pedagogo, quando através de um olhar cuidadoso, atenta para as necessidades que seu aluno

apresenta e, mediante isso, cria e adapta as atividades pedagógicas que têm impacto nas relações da criança com as demais pessoas com quem convive.

Acredita-se que o professor nem sempre aplica estas metodologias de acordo com as reais necessidades dos estudantes com TEA, apesar de conhecer a legislação e os procedimentos metodológicos necessários, para que o processo de alfabetização de crianças autistas aconteça, a partir de metodologias variadas.

Dessa forma, a pesquisa além de promover mais visibilidade ao tema, pode ajudar o professor a pensar em uma nova forma de trabalho e intervenção ou até mesmo entender melhor as especificidades que cada criança apresentará. Isso permitiu inferir que não cabe comparação sobre o desenvolvimento entre as crianças, mesmo que apresentem os diagnósticos parecidos. É importante e necessário utilizar metodologias variadas, assim como cuidar do processo de adaptação das atividades.

Referencial Teórico

De acordo com França e Barbosa (2020, p. 189) “Com o passar dos anos, o autismo começou a ser mais reconhecido pela medicina; entretanto, por muitos anos, crianças diagnosticadas com esse transtorno não eram aceitas na sociedade, além de passarem por muitas situações desumanas”.

Nesse contexto, os mesmos autores (2020, p. 189) afirmam que o surgimento dos estudos sobre o transtorno do espectro autista aconteceu

No ano de 1930, o médico psiquiatra, Leo Kanner, com um estudo sobre as psicoses infantis, analisou seis crianças para discorrer sobre o Transtorno do Espectro do Autismo em seu futuro artigo - que apresentou informações e dados relacionados ao TEA. A partir de então, os estudos do Transtorno de Espectro do Autismo, também conhecido como TEA, tiveram seus avanços desde essa época até a atualidade.

Apesar dos estudos avançados, nos dias atuais, o transtorno do espectro autista ainda não apresenta uma causa definida, podendo ser entendido como uma combinação de fatores (FRANÇA e BARBOSA, 2020). Entretanto, os sinais e sintomas que a criança apresenta podem ser observados desde os primeiros meses de vida, contudo eles podem variar de acordo com o seu grau de intensidade. Além disso, o transtorno do espectro autista pode vir acompanhado de outros transtornos (CUNHA, 2020). Alguns sinais que podem ajudar no reconhecimento do transtorno são:

Retrair-se e isolar-se das outras pessoas; não manter contato visual; desligar-se do ambiente externo; resistir ao contato físico; inadequação as metodologias de ensino; não demonstrar medo diante de perigos; não responder quando for chamado; birras; não aceitar mudança de rotina; usar as pessoas para pegar objetos; hiperatividade física; agitação desordenada; calma excessiva; apego e manuseio não apropriado de objetos; movimentos circulares no corpo; sensibilidade a barulhos; estereotípias; ecolalias; ter dificuldades para simbolizar ou para compreender a linguagem simbólica e ser excessivamente literal, com dificuldades para compreender sentimentos e aspectos subjetivos de uma conversa (CUNHA, 2020, p. 24).

O seu diagnóstico é feito por uma equipe multidisciplinar composta por pediatras, psicopedagogos, psicólogos, neurologista, fonoaudiólogo, entre outros, através de vários exames, testes e atividades, a partir das características apresentadas pelas crianças, tanto no comportamento, quanto na fala. Essa mesma equipe é responsável pelo tratamento, podendo ou não fazer uso de medicações para melhoria do desenvolvimento do comportamento e da aprendizagem (FRANÇA e BARBOSA, 2020). Sobre o processo educacional de acordo com Base Nacional Comum Curricular (BNCC), observa-se que

[...] a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto - considerando-os como sujeitos de aprendizagem - e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades (BRASIL, 2017, p. 14).

A criança com autismo tem como uma de suas características principais a dificuldade de lidar com as mudanças de rotina. Sendo assim, o seu ingresso no ambiente escolar é um momento difícil, devido à adaptação, pois passa a conviver com pessoas e lugares diferentes do seu cotidiano. Sua assimilação pode demorar, isso requer cuidado e paciência (FRANÇA e BARBOSA, 2020). Em relação à educação inclusiva, vale ressaltar que é um direito de todos que possuem deficiência ou transtorno, que por sua vez, têm direito de ingressar em uma escola de Ensino Regular (ONOHARA, CRUZ e MARIANO, 2018).

Corroborando essa afirmação, nota-se que

As influências chegaram à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº 9.394/96 - que enfatizou a valorização da educação inclusiva, afirmando que a educação especial deve ser oferecida, preferencialmente, na rede regular de ensino,

manifestando o propósito de incluir o aluno com necessidades educacionais especiais, sempre que possível, nas classes comuns do ensino regular. A lei salienta, no artigo 59, que os sistemas de ensino deverão assegurar os recursos necessários para aprendizado escolar e consequente inclusão, o que requer currículos, métodos e técnicas adequadas; recursos e organização; professores especializados e capacitados para a inserção do estudante na vida em sociedade, inclusive dando-lhe condições, sempre que possível, à capacitação para o trabalho (CUNHA, 2020, p. 37).

A grande parte de crianças com TEA têm dificuldades de lidar com experiências novas ou coisas que não fazem parte de sua rotina, tornando a alfabetização desafiadora para o professor e para a criança. “Com as crianças do espectro, esse processo acontece de modo diferenciado e a falta de suporte legal e pedagógico dificulta o desenvolvimento deste.” (FRANÇA e BARBOSA, 2020, p. 190).

O professor tem um papel fundamental para que esse processo se consolide com eficácia, pois a criança com autismo precisa sentir confiança para que a aprendizagem aconteça (FRANÇA e BARBOSA, 2020). Além do professor regente, a criança com autismo tem direito ao professor especializado de “apoio” que por sua vez, possuem algumas funções preestabelecidas para que haja a aprendizagem do aluno, são elas

O acompanhante especializado, ou conhecido como professor tutor, deve auxiliar o professor regente da turma em que a criança diagnosticada está inserida, em todas as atividades propostas no ambiente escolar. Esse professor tutor explicará, de forma mais lúdica, como desenvolver as atividades de forma eficaz e significativa. (FRANÇA e BARBOSA, 2020, p. 198).

Nesse cenário, o professor tutor citado é o professor de apoio, e é importante que ele tenha uma boa relação com o professor regente, para que juntos, tracem estratégias específicas para o desenvolvimento do seu aluno com TEA, em que estas sejam significativas suprimindo as necessidades que cada criança apresenta (DIAS e HENRIQUE, 2018).

Nesse sentido, cabe destacar que o autismo pode ser classificado em níveis (leve, moderado e severo), cada um apresenta um conjunto de características específicas. É de acordo com a classificação do nível, denominado o nível de suporte, do qual a criança necessita. Este, deve variar para atender às necessidades que o aluno apresenta (FEZER, 2017; ZANON, 2017 e SOUZA, 2019, *apud* ARAUJO *et al.*, 2022).

Para que o processo de aprendizagem seja consolidado “existem alguns programas de intervenção precoce como as terapias ocupacionais e fonoaudiológica que são fundamentais desde a Educação Infantil para que o período de alfabetização seja menos complexo.” (FRANÇA e BARBOSA, 2020, p. 196). É importante que a família também contribua para esse

processo, conhecendo os direitos garantidos por lei, a fim de que as crianças com autismo tenham atendimento especializado. Além disso, é necessário que haja um vínculo entre a família e a escola, através de troca de informações. Juntos, o planejamento de trabalho vai se adequar de acordo com a necessidade do aluno (FRANÇA e BARBOSA, 2020).

A adaptação em sala de aula é necessária a partir do momento em que a criança com autismo entra no ambiente escolar, como afirmam Silva *et al.* (2021, p. 43104)

A partir do momento em que essa criança com autismo passa a frequentar a escola regular, passam a existir necessidades específicas para a aprendizagem desse aluno. Duas delas são: a redução de alunos por sala e a diminuição do barulho nesse ambiente, já que as crianças com autismo, em geral, são mais sensíveis a sons altos, podendo-lhes causar agitação e desconcentração.

Mediante estes aspectos apresentados, Cunha (2020, p. 49) explica que “no ensino do aluno com o transtorno do espectro autista, não há metodologias ou técnicas salvadoras. Há, sim, grandes possibilidades de aprendizagem, considerando a função social e construtivista da escola”, neste caso, a função social está diretamente ligada a transformação da sociedade e a função construtivista é tornar o aluno ativo. Com o ingresso da criança autista em uma sala de aula de Ensino Regular, a interação social está presente em todos os momentos, o que ajuda, não só o desenvolvimento dessa criança, mas também na transmissão de valores, diversidade e respeito às diferenças, além de tornar o aluno participativo das atividades. Cada aluno é único, o que funciona para um, nem sempre atenderá às necessidades funcionará para o outro. Neste caso, o professor precisa desenvolver um olhar sensível para traçar a melhor forma de trabalho.

Existem métodos já desenvolvidos que podem ser um caminho a percorrer com a criança com autismo, como: o método *Picture Exchange Communication System* (PECS), em que a proposta foco é desenvolver a comunicação através de imagem, o método Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados com a Comunicação (TEACCH) que prioriza desenvolver a comunicação receptiva e expressiva, de forma que o aluno aprende a expressar através da linguagem o que está sentindo. Por fim, *Applied Behavior Analysis* (ABA) tem o foco no pensamento abstrato através do uso de materiais concretos. Percebe-se que estes métodos ajudam no desenvolvimento da oralidade (FRANÇA e BARBOSA, 2020). Além desses métodos existe a Tecnologia Assistiva que

[...] se constitui como um importante instrumento de acessibilidade e inclusão, visando unir tecnologia e inclusão em uma ferramenta capaz de atender e auxiliar alunos com necessidades educacionais especiais. Muitos estudos revelam que o uso

de aplicativos presentes nos ‘*tablets*’ são fortes componentes no processo de desenvolvimento de crianças com algum tipo de deficiência. Essas atividades fazem com que os alunos, a partir delas, possam expandir o contato real com outras pessoas (SILVA *et al.*, 2021, p. 43105).

Outra forma, que pode facilitar e intermediar o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança com autismo, são as atividades e jogos que envolvem a ludicidade. No período da alfabetização, os jogos podem ajudar no desenvolvimento cognitivo, do raciocínio, da psicomotricidade, além de trabalhar o equilíbrio emocional e afetivo da criança (SILVA *et al.*, 2021).

Percebe-se que não tem um caminho padrão para se trabalhar com crianças diagnosticadas com TEA, tudo requer cuidado, análise, sensibilidade, observação e estudos para que sejam traçados caminhos que proporcionem o desenvolvimento do aluno e atenda às suas necessidades. O professor não deve avaliar o lúdico como algo sem importância, pois pode ser usado como facilitador da aprendizagem. Trata-se de uma forma de trazer a atenção da criança com foco do desenvolvimento (SILVA, *et al.*, 2021).

Metodologia

A pesquisa foi classificada como qualitativa, pois “[...] em geral, engloba dois momentos distintos: a pesquisa ou coleta de dados e a análise e interpretação, quando se procura desvendar o significado dos dados” (MARCONI e LAKATOS, 2022, p. 302).

Quanto à sua finalidade, tratou-se de uma pesquisa aplicada. De acordo com Silva e Silveira (2003, p. 133) “[...] visa ao aprofundamento de um determinado tema de uma área científica específica.” Este tipo de pesquisa propõe-se a aplicar este aprofundamento em uma determinada situação real.

Em relação ao nível, foi classificada como pesquisa descritiva. Para Marconi e Lakatos (2022, p. 298) “as pesquisas descritivas objetivam descrever as características de uma população ou identificar relações entre variáveis”.

Quanto à sua natureza, foi classificada como uma pesquisa empírica. De acordo com Marconi e Lakatos (2022, p. 104) “[...] os fatos descobertos e analisados pela pesquisa empírica exercem pressão para esclarecer conceitos contidos nas teorias, pois uma das exigências fundamentais da pesquisa é de que os conceitos (ou variáveis) com que lida sejam definidos com suficiente clareza para permitir seu prosseguimento.”

A pesquisa foi classificada ainda como de campo, segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 169), “[...] é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queria comprovar [...]”. Estas observações são buscadas *in loco*, onde o fenômeno ocorreu.

Essa pesquisa utilizou como população 141 professoras de apoio da Rede Municipal de ensino de Ubá e 10 professoras de apoio da Rede Municipal de ensino de Senador Firmino – MG que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como amostra, 8 professoras de apoio de Ubá e 1 de Senador Firmino-MG que atuam nos 1º e 2º anos do Ensino Fundamental- anos iniciais.

Como fator de inclusão, foram consideradas as professoras de apoio da Rede Municipal de ensino de Ubá e Senador Firmino-MG, que atuam nos 1º e 2º anos do Ensino Fundamental anos iniciais. Como fator de exclusão, as demais professoras de apoio que atuam em outro segmento. O instrumento utilizado para desenvolver essa pesquisa foi o questionário, que segundo Marconi e Lakatos (2022, p. 339) “[...] é composto de um conjunto de questões que se submete ao pesquisado, objetivando obter informações necessárias ao desenvolvimento da pesquisa.”

No primeiro momento, o contato com as escolas foi feito por telefone com a supervisora, para que fosse repassado para a direção autorizar a pesquisa.

Em um segundo momento, foi realizada a aplicação do questionário, que foi enviado aos professores de apoio via *WhatsApp*, acompanhado pelo Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) com um prazo de três dias para a devolutiva com os documentos devidamente preenchidos.

Os dados foram coletados, compilados, analisados e transformados em gráficos e tabelas para facilitar a leitura e compreensão do leitor. Os resultados deste estudo serão divulgados no campo de pesquisa, em congressos, em *workshop* ou em forma de artigo publicado em revistas científicas.

Esse artigo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, através da Plataforma Brasil, sendo respeitados os procedimentos bioéticos, propostos pela Comissão Nacional de Saúde (Resolução nº466de12-12-2012 – CNS/MS).

Resultados e Discussão

Universo da Pesquisa

A pesquisa foi realizada com professores de duas cidades, Ubá e Senador Firmino. Dois municípios localizados na Zona da Mata de MG. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), Ubá possui uma estimativa de 117.995 habitantes e na área da educação contém trinta e duas escolas, sendo oito delas destinadas exclusivamente para o Ensino Fundamental I. Em Senador Firmino, possui uma estimativa de 7.902 habitantes e na área da educação, é composta por três escolas e apenas uma delas é destinada exclusivamente para o Ensino Fundamental I.

A inclusão escolar é uma temática que tem ganhado forças ao longo dos anos, para promover uma educação de qualidade e com acesso para todos. A Prefeitura junto com Secretaria Municipal de Educação (SME) fornecem cursos e capacitações para os diretores, coordenadores pedagógicos e professores de apoio. A capacitação “Educação promove capacitação em Inclusão Escolar”, foi ofertada em 06 de abril de 2022. pela Equipe do Centro Educacional de Atendimento Especializado Professora Maria Aparecida Condé (CAEE) e teve como tema: Inclusão Escolar – Amor em conexão... Saberes em conexão (PREF-UBÁ, 2022).

Diante do exposto, esta pesquisa se propôs a refletir sobre as metodologias utilizadas na alfabetização de crianças autistas. Para tanto, foi desenvolvida em quatro escolas da Rede Municipal de ensino que ofertam o Ensino Fundamental I, a saber:

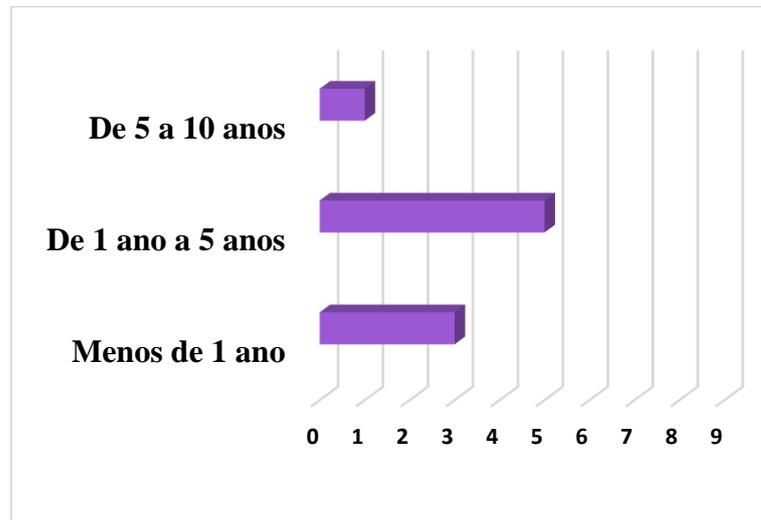
- 1) Escola A: atende aproximadamente, seiscentos e um alunos no Ensino Fundamental I;
- 2) Escola B: atende a um público aproximado de quinhentos e vinte e sete alunos no Ensino Fundamental I;
- 3) Escola C: atende aproximadamente, trezentos e quarenta e oito alunos no Ensino Fundamental I.
- 4) Escola D: atende aproximadamente, duzentos alunos no Ensino Fundamental I.

Docentes

A referida pesquisa contou com a participação de nove professoras de apoio que atuam na Rede Municipal de ensino da cidade de Ubá-MG e Senador Firmino-MG, entre os 1º e 2º anos

do Ensino Fundamental. O tempo de atuação das professoras pode ser verificado no gráfico a seguir.

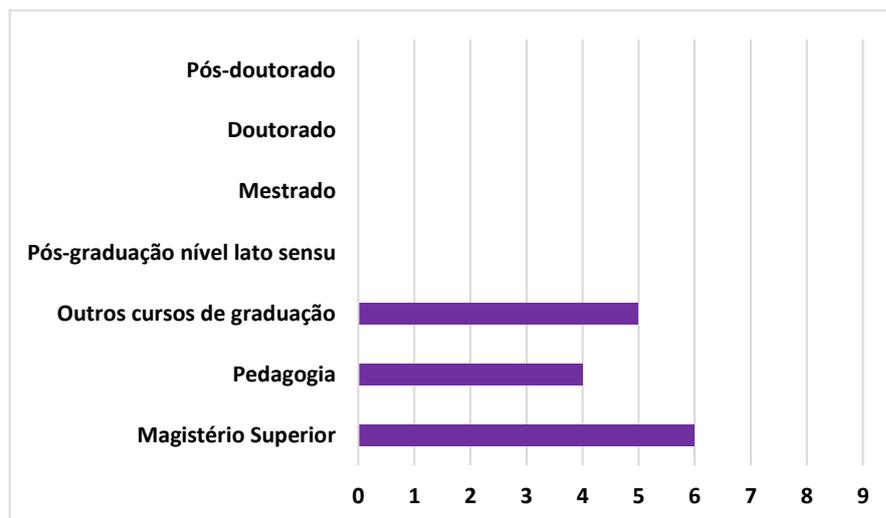
Figura 1 – Tempo de atuação das professoras



Fonte: Pesquisa (2023)

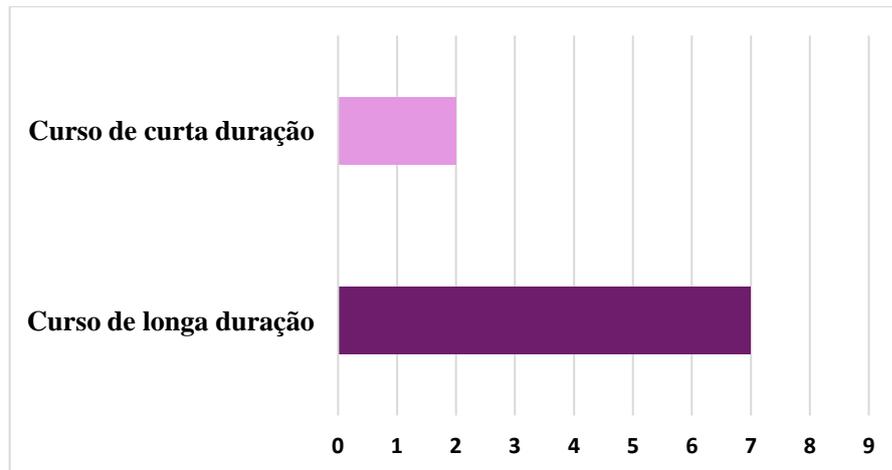
Alguns dados que serão apresentados demonstrarão um número maior de respostas em relação ao número de professores, haja vista que, em algumas respostas, houve possibilidade de marcar mais de uma opção. Desse modo, os gráficos apresentarão a formação acadêmica e sua formação em Educação Especial.

Figura 2 – Formação acadêmica das professoras



Fonte: Pesquisa (2023)

Figura 3 - Formação em Educação Especial



Fonte: Pesquisa (2023)

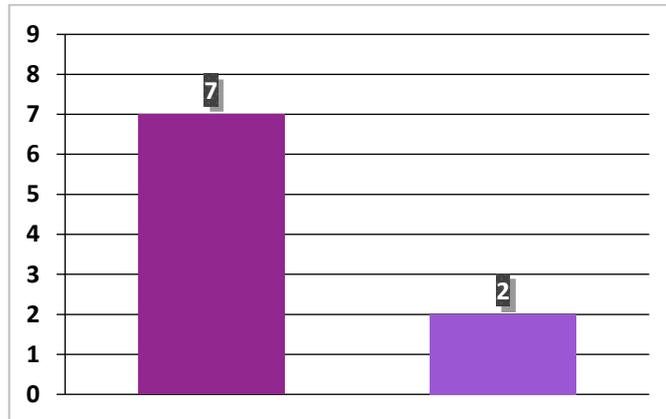
Sobre a Educação Especial, além de serem questionadas sobre a duração do curso, ao indicar qual seria a sua especialização, quatro professoras responderam, efetivamente, que se graduam em uma segunda licenciatura em Educação Especial e Inclusiva, duas não identificaram o tipo de formação e as demais, não foi possível identificar, porque indicaram apenas a instituição onde cursaram, mas não definiram o curso de curta ou longa duração e se é graduação ou pós-graduação.

Sabe-se que o trabalho do professor de apoio precisa ser diversificado devido à demanda que seu aluno apresenta, além de metodologias variadas os materiais também precisam ser planejados visando à aprendizagem da criança.

Materiais e recursos pedagógicos utilizados para alfabetização de crianças com TEA

Com base no questionário, foram analisadas diversas questões, entre elas, se a escola adota algum tipo de metodologia específica para atender às demandas das crianças com TEA no processo de alfabetização e quais são elas. Foram obtidos os seguintes dados:

Figura 4 – Uso de metodologia específica para alfabetização

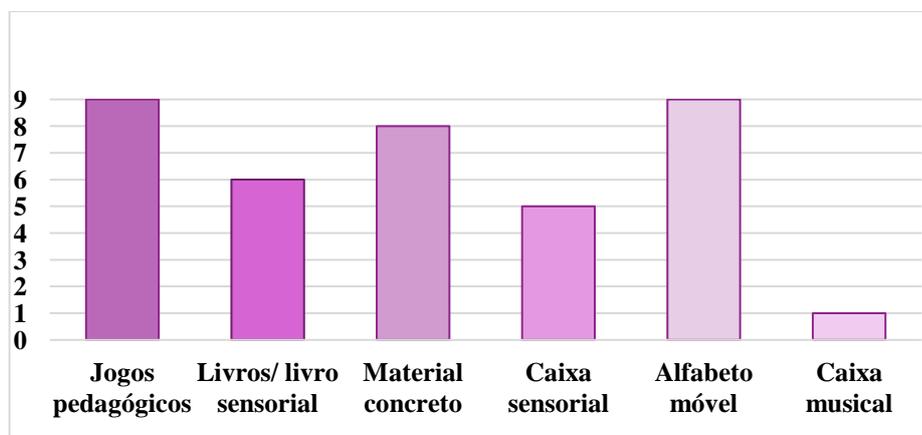


Fonte: Pesquisa (2023)

Nota-se que 7 professoras afirmaram que a escola adota metodologias específicas para alfabetização de crianças autistas. Corroborando com este fato, em se tratando do uso de metodologia específica para o processo de alfabetização, destaca-se a resposta de P9, quando afirma que utiliza “*Rotinas organizadas, painéis, atividades que estimulem pensamento lógico, jogos pedagógicos.*” A esse respeito, Silva *et al.* (2021) explicam que os jogos geram aprendizagem, ao mesmo tempo que divertem, além de estimularem e desenvolverem a criança autista em vários aspectos tais como: físicos, mentais e emocionais.

Ao serem questionadas sobre quais são os materiais utilizados na alfabetização de crianças com TEA e qual a importância do uso de atividades lúdicas, sensoriais e concretas, obtivemos os seguintes dados:

Figura 5 – Materiais utilizados para alfabetização



Fonte: Pesquisa (2023)

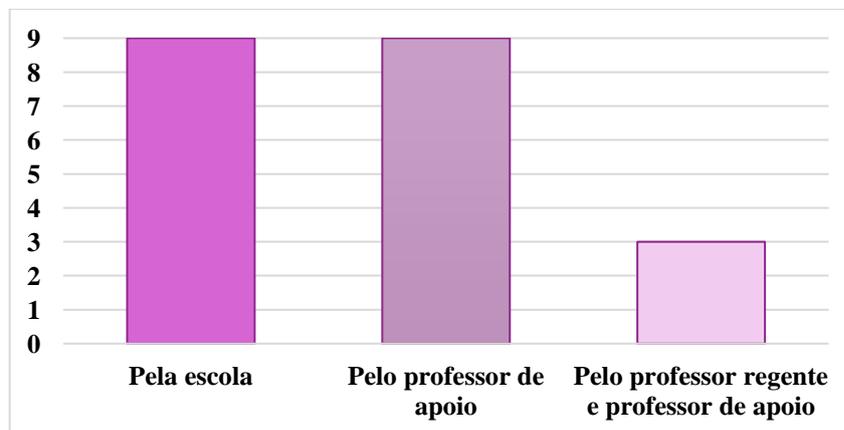
Figura 6 – Importância do uso de atividades lúdicas, sensoriais e concretas

Alternativas	Quantidade
Diminui alterações comportamentais	5
Favorece o desenvolvimento da imaginação e criatividade	9
Favorece o desenvolvimento do raciocínio lógico	9
Desenvolve a coordenação motora	9
Possibiliza a socialização	8
Proporciona prazer	3
Possibiliza a aprendizagem significativa	7

Fonte: Pesquisa (2023)

É possível verificar que os materiais utilizados por elas são diversos, porém todos podem ser manipulados pelos alunos e isso facilita na aprendizagem. Além disso, é importante destacar o quanto as atividades lúdicas, sensoriais e concretas podem ajudar em diferentes áreas de desenvolvimento. Considerando esses aspectos, Silva *et al.* (2021) atestam que a ludicidade não é apenas brincadeira, pode sim ser usada como aliada para a aprendizagem de crianças autistas, uma vez que irá mediar o processo, ajudando no desenvolvimento do comportamento, interação e raciocínio. Dessa forma, sabe-se que na alfabetização de crianças com TEA, os recursos pedagógicos devem ser variados, buscando uma forma de mediar o aluno e a aprendizagem. Sobre este ponto, especificamente foram obtidos os seguintes dados:

Figura 7 – Disponibilização dos recursos pedagógicos



Fonte: Pesquisa (2023)

Como é possível notar, a parceria entre professor regente e professor de apoio ao pensarem em estratégias de trabalho, ainda não é integralmente efetivada, por outro lado, destaca-se que a escola presta suporte disponibilizando os recursos pedagógicos ou até mesmo os materiais para que estes sejam confeccionados. Desse modo, entende-se que na alfabetização de crianças com TEA, a escola precisa mudar não só sua rotina ou estrutura física, como

também sempre buscar formas de trabalho que garantam a aprendizagem do aluno de acordo com as suas necessidades específicas, priorizando o seu bem-estar (DIAS e HENRIQUE, 2018).

Papel do professor de apoio e adaptação das atividades

Quando questionadas sobre o papel do professor de apoio e seu trabalho no acompanhamento da aprendizagem da criança com TEA, todas as professoras afirmaram que consideram essencial. P8 ainda destacou que: *“O professor é essencial e necessário para o desenvolvimento do aluno, independente das situações, ele está ali para ‘facilitar’ o processo e fazer com que haja uma aprendizagem significativa.”* Coadunando com declaração de P8, Silva *et al.* (2021) afirmam que o professor precisa ter um olhar cuidadoso com seu aluno e focar em atividades ou métodos que são mais receptivos por eles, ajudando no desenvolvimento máximo de suas potencialidades gerando uma aprendizagem significativa.

Uma das principais características presente na alfabetização de crianças com TEA é a adaptação das atividades. Por esse motivo, foi perguntado às docentes como avaliam este aspecto e quem é o responsável pela realização destas adaptações. Todas confirmaram a importância da adaptação das atividades e P4 ainda descreve que *“Isso é necessário porque os autistas sentem dificuldade de aprender da forma tradicional e ter esse apoio pedagógico facilita o processo de aprendizagem. É necessário que a adaptação dos conteúdos didáticos das aulas seja realizada de acordo com o repertório comportamental da criança com TEA.”* Algumas informações sobre as adaptações das atividades podem ser verificadas abaixo:

Figura 8 – Adaptação das atividades

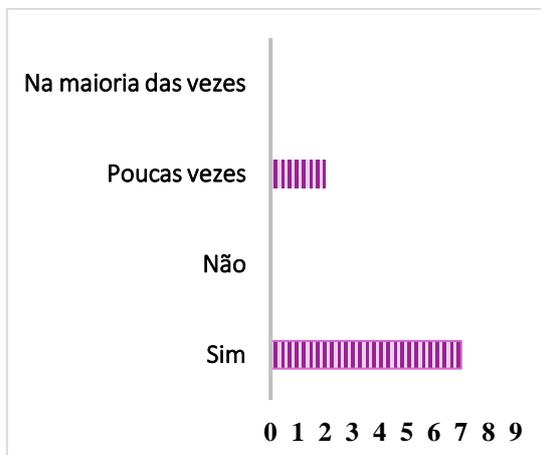
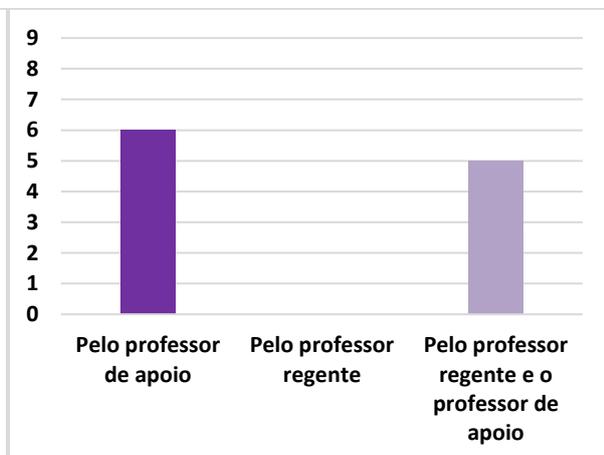


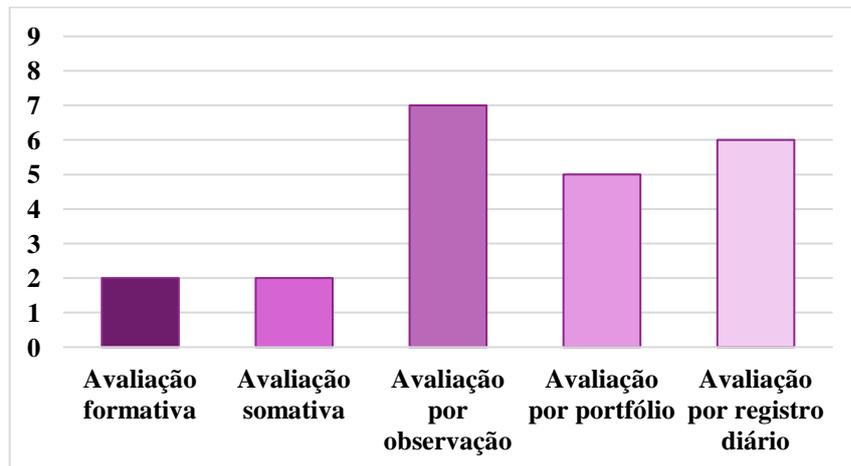
Figura 9 – Realização da adaptação



Fonte: Pesquisa (2023)

Verifica-se, portanto, que a adaptação das atividades é necessária e realizada algumas vezes, em conjunto entre professor regente e professor de apoio. Diante do exposto, Dias e Henrique (2018) explicam que cada aluno deve ser tratado de acordo com as suas necessidades. Dessa forma, é importante que se tenha efetiva parceria entre o professor regente e o de apoio para que trabalhem para o desenvolvimento contínuo das potencialidades do estudante, pensando em estratégias e adaptações que garantam resultados promissores em relação à aprendizagem. Faz-se necessário associar conteúdo e a forma de acesso para a aprendizagem. Notadamente, o processo de avaliação também deve ser pensando de acordo com as potencialidades e necessidades dos alunos. Desse modo, foram verificadas quais são as formas mais usadas na avaliação dos estudantes com TEA.

Figura 10 - Formas de avaliação de crianças com TEA



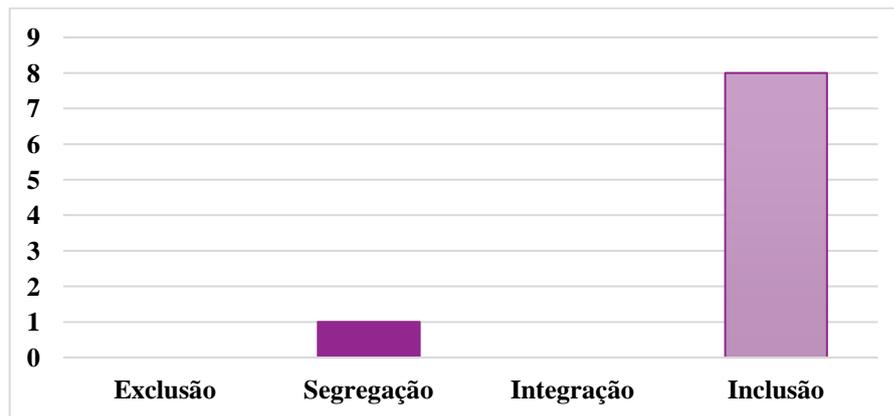
Fonte: Pesquisa (2023)

É identificado nos dados que a avaliação da criança com TEA também pode variar de acordo com a necessidade e desenvolvimento que ela apresenta, mas a observação e o registro diário ganham destaque por se tratar de uma forma mais adequada a realidade delas. Diante do exposto, destaca-se a justificativa de P9, quando afirmou que avalia através da “[...] *observação do aprendizado cotidiano e do comportamento, [e também através da] interação social e [da] comunicação.*” Relacionado a estes dados, Onohara, Cruz e Mariano (2018) ressaltam a importância da equipe pedagógica capacitada para monitorar, intervir, propor e acompanhar os trabalhos dos professores de apoio junto aos estudantes. Destacam que além das adaptações nas atividades, é necessário adaptar também a forma de avaliar de acordo com os objetivos traçados e a potencialidade que o aluno consegue atingir.

Inclusão escolar

A inclusão escolar é um tema que tem ganhado expressiva visibilidade. É necessário dar suporte tanto aos estudantes com TEA, quanto aos professores, para que a teoria seja aplicada no cotidiano das escolas. Nesse sentido, foi perguntado às professoras se a escola oferece suporte adequado para elas. Todas confirmaram que sim. Sobre quais suportes são oferecidos, P8 disse que *“Apesar de ser um suporte superficial, existe um núcleo que apoia os professores, com rodas de conversa, indicação de cursos online e confecção de materiais quando o professor solicita.”* Ainda abordando essa temática, ao serem questionadas sobre como avaliam a inclusão escolar de uma criança com diagnóstico de TEA na Rede Municipal de Ensino, foram identificados os seguintes dados:

Figura 11 – Avaliação da inclusão escolar



Fonte: Pesquisa (2023)

Nota-se que grande parte considera que a inclusão escolar já está presente nas escolas de Ensino Regular. Sobre este dado, P9 relatou que a *“Inclusão social, econômica, política, cultural e educacional deve ser incondicional. Todos têm o direito a se desenvolver em ambientes que não discriminem, que procurem lidar e trabalhar com as diferenças, respeitando as limitações de cada um. Trabalhar, inovar e ousar implementar a educação numa perspectiva inclusiva não é missão impossível. É sim, um desafio superável. É uma questão de querer mudar, pensar e construir uma escola que inspire e promova a troca entre os alunos, que confronte formas desiguais de pensamento e de estilo de vida. É uma questão de crer na existência possível de uma escola que reconheça as diferenças e respeitando-as, possa conviver com elas.”* A esse respeito, “cabe destacar que a educação inclusiva, abrange todos,

independente de gênero, religião e/ou outros motivos, que enfrentam discriminações na sociedade”. (ONOHARA, CRUZ e MARIANO, 2018, p. 291), corroborando ainda com esta afirmação, Dias e Henrique (2018) explicam que inclusão escolar não significa apenas dar acesso às matrículas, mas também garantir a permanência e a aprendizagem das crianças incluídas.

Considerações Finais

Essa pesquisa buscou entender quais são as práticas do professor de apoio frente ao processo de alfabetização dos alunos com TEA, sendo assim, verificou-se que as escolas e professores de apoio adotam metodologias e recursos específicos para atender às necessidades reais que elas apresentam, visando a uma aprendizagem significativa.

Para responder a essa questão, o objetivo geral consistia em analisar as práticas do professor de apoio frente ao processo de alfabetização dos alunos com TEA e ainda: verificar as metodologias utilizadas na alfabetização de crianças autistas; investigar como as metodologias são aplicadas em sala de aula e compreender a elaboração e adaptação das atividades na alfabetização. A análise permitiu concluir que no processo de alfabetização dessas crianças, faz-se necessário a utilização de metodologias variadas, materiais lúdicos, concretos e sensoriais, assim como a adaptação das atividades, a fim de que elas consigam acompanhar a aprendizagem da turma de acordo com o seu repertório comportamental. Vale ressaltar que não existem metodologias ou materiais específicos para a alfabetização dessas crianças, o professor precisará encontrar uma melhor maneira para adaptar tudo isso às necessidades de seus alunos.

Desse modo, a hipótese foi infirmada, pois inicialmente acreditava-se que o professor nem sempre aplica estas metodologias de acordo com as reais necessidades dos estudantes com TEA, apesar de conhecer a legislação e os procedimentos metodológicos necessários para que o processo de alfabetização de crianças autistas aconteça a partir de metodologias variadas. Confirmou-se que as metodologias são pensadas e aplicadas de acordo com as necessidades reais que as crianças com TEA apresentam. Constatou-se também a importância do papel do professor de apoio para a aprendizagem das crianças autistas e ainda sobre sua considerável ajuda para que a inclusão escolar seja, de fato, praticada.

Espera-se que sejam realizadas novas pesquisas sobre esse tema com as professoras regentes, visto que é um assunto que tem conquistado visibilidade, devido ao aumento de

crianças diagnosticadas com TEA nas escolas de ensino regular. Apesar desse crescimento, persistem muitas dúvidas, medos, receios e falta de informações em relação a como lidar com o TEA.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Marielle Flávia do N. *et al.* Autismo, níveis e suas limitações: uma revisão integrativa da literatura. **PhD Scientiffie Beview**. v. 02, nº 05. p. 08-20, 2022. Disponível em: <https://app.periodikos.com.br/journal/revistaphd/article/doi/10.56238/phdsv2n5-002>. Acesso em: 01 jul. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum – BNCC**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. 24 set. 2022.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar**. 6. ed. Rio de Janeiro: Wark Editora, 2020.

DIAS, Sabrina Alves; HENRIQUE, Keila Endo Neves. Adaptação de materiais e atividades para uma criança com transtorno do espectro do autismo: o trabalho colaborativo no processo educacional. **Ver. Assoc. Bras. Ativ. Mot. Adapt.**, Marília, v.9, n.1, p.27-38, Jan/jun., 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/labeditorial,+7841-Texto+do+artigo-26290-2-10-20190911.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2022.

FRANÇA, Guatavo Thayllon; BARBOSA, Gabriele C. Processo de alfabetização de crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista. **Caderno Intersaberes**, v.9, n.18, p. 188-203, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/lhilgemberg,+18+-+PROCESSO+DE+ALFABETIZA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e estados**. Ubá, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/uba.html>. Acesso em: 15 out. 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e estados**. Ubá, 2021. . Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/senador-firmino.html>. Acesso em: 05 jul. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 8.ed. Barueri: Atlas, 2022. Disponível em: [https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559770670/epubcfi/6/10\[%3Bvnd.vst.idref%3Dcopyright\]/4/34/1:17\[art%2Cman\]](https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559770670/epubcfi/6/10[%3Bvnd.vst.idref%3Dcopyright]/4/34/1:17[art%2Cman]). Acesso em: 01 nov. 2022.

MARCONI, Marina de A. LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MONTENEGRO, Maria Augusta. Inclusão Escolar. In: MONTENEGRO, M.A; CERELI, E.H.R.V; CASELLA, E.B. (Orgs.). **Transtorno do espectro autista – TEA: Manual Prático de Diagnóstico e Tratamento**. Rio de Janeiro: Thieme Revinter, 2018. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788554650827/pageid/0>. Acesso em: 10 set. 2022.

ONOHARA, Ariane MiekoHimeno; CRUZ, José Anderson Santos; MARIANO, Maria Luiza. Educação inclusiva: o trabalho pedagógico do professor para com o aluno autista no ensino fundamental I. **Ver. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v.20, n.2, p.289-304, jul./dez, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/12020/7832>. Acesso em: 24 ago. 2022.

SILVA, José Maria da. SILVEIRA, Emerson Sena da. **Apresentação de trabalhos acadêmicos: Normas e Técnicas**. 2. ed. Juiz de Fora: Juizforana, 2003.

SILVA, Samyra Viviane Oliveira Ferreira. *et al.* Tecnologias e metodologias no processo de alfabetização de crianças com transtornos do espectro autista. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.2, p.43096-43111, fev. 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/29000/22903>. Acesso em 24 ago. 2022.

UBÁ, Prefeitura Municipal de. Secretaria Municipal de Educação. **Educação promove capacitação em inclusão escolar**. Ubá, 2022. Disponível em: <https://www.uba.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/educacao-promove-capacitacao-em-inclusao-escolar/225669>. Acesso em: 13 nov. 2022.

ANEXO I
Questionário

Práticas do professor de apoio frente ao processo de alfabetização dos alunos com TEA

1. Insira seu e-mail: _____

2. Informe seu nome (esses dados não serão divulgados): _____

3. Há quanto tempo atua como docente?

- Menos de 01 ano.
- De 01 ano a 5.
- De 05 a 10 anos.
- De 10 a 15 anos.
- De 15 a 20 anos.
- Mais de 20 anos.

4. Qual a sua formação acadêmica? (pode marcar mais de uma opção).

- Magistério Superior.
- Pedagogia.
- Outros cursos de graduação.
- Pós-graduação nível *Lato Sensu*.
- Mestrado.
- Doutorado.
- Pós-doutorado.

5. Qual sua formação em Educação Especial?

- Curso de curta duração.
- Curso de longa duração.

6. Sobre sua formação em Educação Especial, indique qual: _____

7. Em quantas escolas trabalha, atualmente, como professor de apoio?

- 1 escola.
- 2 escolas.
- Acima de 2 escola

7.1. Você também atua como professor regente?

- Sim.
- Não.

8. A escola adota algum tipo de metodologia específica para atender às demandas de crianças com TEA no processo de alfabetização?

- Sim
- Não

8.1. Se sua resposta for sim, indique quais tipos de metodologias são utilizadas para alfabetização de crianças com TEA? _____

9.Quais materiais são utilizados para aplicar as metodologias na alfabetização em sala de aula quando se trata de atendimento aos alunos com TEA? (pode marcar mais de uma opção).

- Jogos pedagógicos
- Livro/ Livro sensorial
- Material concreto
- Caixa sensorial
- Alfabeto móvel
- Outros: _____

10.Os recursos pedagógicos para o processo de alfabetização de crianças com TEA são disponibilizados: (pode marcar mais de uma opção)

- Pela escola
- Pelo professor de apoio
- Pelo professor regente

11. Em sua prática é necessária a adaptação das atividades para as crianças com TEA?

- Sim.
- Não.
- Na maioria das vezes.

12.Se sua resposta for sim, essa adaptação é feita: (pode marcar mais de uma opção)

- Pelo professor de apoio.
- Pelo professor regente.
- Pelo professor regente e o professor de apoio.

13.Você considera a adaptação das atividades necessária para o processo de alfabetização de crianças com TEA?

- Sim
- Não

13.1. Justifique sua resposta.

14.Qual a importância do uso de atividades lúdicas, sensoriais e concretas na alfabetização de crianças autistas? (poderá marcar mais de uma opção, caso ocorra)

- Diminui alterações comportamentais.
- Favorece o desenvolvimento da imaginação e criatividade.
- Favorece o desenvolvimento do raciocínio lógico.
- Desenvolve a coordenação motora.
- Possibilita a socialização.
- Proporciona prazer.
- Possibilita a aprendizagem significativa.
- Outro: _____

15.Como é o processo de avaliação da criança com TEA?

- Avaliação formativa.
- Avaliação somativa.
- Avaliação por observação.
- Avaliação por portfólio.
- Avaliação por registro diário.
- Outro: _____

15.1. Justifique sua opção.

16.Em sua prática, como avalia a inclusão de crianças com TEA na Rede Municipal de Ensino?

- Exclusão (As pessoas com necessidades especiais não estão inseridas em nenhum tipo de instituição de ensino).
- Segregação (As pessoas com necessidades especiais estão inseridas em escolas especiais e as pessoas “ditas normais”, no Ensino Regular).
- Integração (As pessoas com necessidades especiais estão na mesma instituição de ensino que as pessoas “ditas normais”, mas em grupos separados. Mesma escola, sala diferente).
- Inclusão (As pessoas com necessidades especiais estão na mesma instituição de ensino e no mesmo grupo que as pessoas “ditas normais”).

16.1. Faça um breve argumento sobre sua escolha.

17. Com o aumento de crianças com TEA na sala de aula o papel do professor de apoio é:

- Essencial.
- Dispensável.
- Varia de acordo com cada caso.

17.1. Justifique sua resposta.

18. A escola oferece suporte adequado para os professores de apoio?

- Sim.
- Não.

18.1. Se sua resposta for sim, quais suportes a escola oferece aos professores de apoio?

18.2. Se sua resposta for não, quais suportes a escola deveria oferecer aos professores de apoio? (Sugestão).
